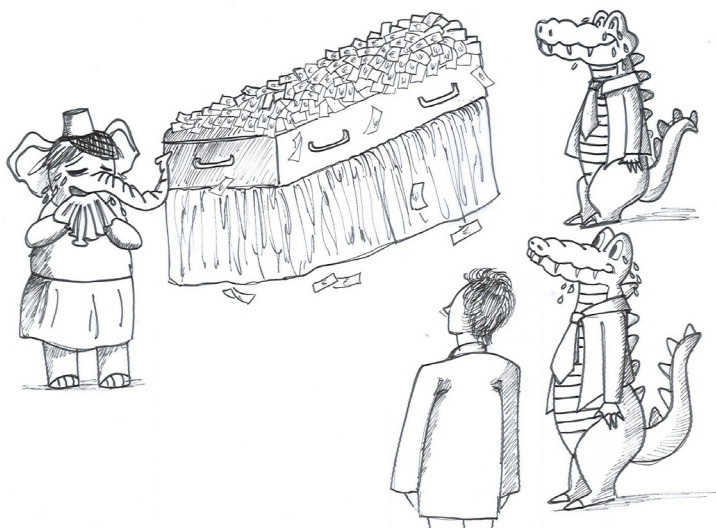


# O Velório





Há muito que não ouvia falar do meu amigo Severino. Quatro anos, para ser preciso. Conhecíamos-nos desde a primeira classe e, excepção feita aos últimos tempos, acompanhámos de perto o percurso um do outro. Ou pelo menos assim era. Digo-o no pretérito porque ao pretérito pertence: faz hora e meia que o vi pela última vez. Estava deitado num caixão aberto, branco como a cal, encoberto por uma tonelada de flores.

Eram umas dez da manhã quando recebi a notícia. Lembro-me como se tivesse sido ontem – o que é de estranhar, porque foi hoje. O telefone tocou; do outro lado, uma voz chorosa e nasalada perguntou por mim.

– É da casa do Manel?

Senti-me inquieto. Tinha acabado de acordar e o cérebro ainda mal funcionava. Talvez por isso, ainda que me soasse familiar, fui incapaz de identificar quem era.

– É o próprio – anunciei no cavernoso tom da manhã.

– Manel, como ‘tás? – fungou duas vezes. – Daqui fala a Tânia, a Tânia do Severino.

A minha reacção, como se pode imaginar, foi de absoluta surpresa. A Tânia, esposa do Severino! Voltar a ouvi-la foi como enfrentar uma assombração... que raio queria ela?

– Ah, Tânia! – exclamei nesse embaraçoso entusiasmo de fachada. – Como é que isso vai? O Severino está bom? Já não sei de vocês há, quê?... Quatro? Cinco anos?...

Ouvi-a tossir, uma tosse rouca, cansada. Adivinhei-lhe, só pelo timbre esganiçado, os trinta quilos que engordou; e quem diz trinta estará a ser, com a mais irremovível certeza, tão simpático que fere. Conheci-a na fase em que as curvas avantajadas começaram a rebentar em rebordos gordurosos, pregas de pele, cheias, caindo em direcção ao solo. Já nessa altura era óbvio que seria uma questão de tempo até se tornar um texugo.

- Era sobre isso que te vinha falar - disse-me ela. - O Severino não 'tá. Ele m-m...

- Como? - não compreendi. - Ele o quê?

- Ele m-m...

Avizinhava-se uma palavra difícil, claro está. Tão difícil que se lhe encalhou nos lábios. Felizmente (ou infelizmente, não sei bem) percebi de que se tratava.

- ... morreu? - completei, com o devido cuidado de entoar a última sílaba na interrogativa.

Eis que ela se desfaz num pranto e confirma tudo: sim, estava morto. Tão morto como uma lebre guisada. Só que sem grão.

Contraí-me, tentei conter-me; às vezes esqueço-me de como é árduo manter a compostura nestas situações. Confesso: por pouco não explodi.

- ... é por isso que quero muito que venhas - apanhei-lhe a frase a meio, a tempestade de emoções tinha-me ensurdecido. - Vocês conhecem-se desde crianças, és o amigo que ele tem há mais tempo. Vais mesmo falhar-lhe? Não ficas com vergonha?

- Espera lá... - hesitei. - O enterro é quando, mesmo?

- Homem, não tens 'tado a ouvir? O enterro é hoje! Fazemos o velório cá em casa, às duas. Depois seguimos para o cemitério.

- Hum, estou a ver... a que horas?

- Duas, Manel! Duas! 'tás surdo ou quê?!

- Duas? Ai sim?...

Irritou-me o tom autoritário com que me falou. Por isso, como forma de protesto, pus-me a analisar com atenção o meu rosto. Tenho o telefone no quarto, pousado na cómoda, o que faz com que fique de frente para o espelho cada vez que o utilizo.

No preciso momento em que escrevo as peripécias que acabo de viver, na cafetaria de uma estação de serviço, olho para a janela (começa a escurecer lá fora, o vidro reflecte-me a imagem) e revisito a satisfação daquele instante ao falar com a ela por constatar o quão soberbo meu cabelo está hoje. Não foi premeditado, antes milagre: já estava assim quando me levantei. Costumo acordar com ele eriçado na zona do remoinho; hoje, imagine-se, foi a franja que eriçou; devo ter dormido com a tromba enfiada na chumaça, sei lá, uma dessas coisas que a ciência há-de saber explicar um dia. Ficou volumoso e hirtó, pendendo para a esquerda de um modo tão probabilisticamente inesperado que parece feito de propósito. Fica-me bem, o que é raro; das poucas coisas que conquistei na vida, boa aparência não foi uma.

- Por favor, Manel, diz-me que vens! - quase me implorou.  
- O Severino ia querer muito a tua vinda...

- Tenho a certeza que sim - aquiesci, ainda surpreendido pelo meu notável visual. - Mas vamos lá a ver se nos entendemos: isto é muito repentino. Devias ter-me avisado mais cedo. Vivo em Lisboa, viagens assim longas não se fazem de um momento para o outro.

- Ó porra, e querias que te avisasse quando?! - berrou com rouquidão de bagaço. - Ele morreu de madrugada!

Calei-me. O raio da gorda tinha razão.

- Ora, Manel! Não me digas que quatro horas não dá tempo... e caramba, ele morreu! O meu Severino morreu... - voltou a

chorar com estrondo. – Oh, queria tanto fazer-lhe uma festa bonita, despedir-me como ele bem merece! Por favor Manel, faz-me lá esse esforço...

Nada daquilo vinha a calhar. Percorrer uma distância assim sem mais nem menos era a última coisa que queria. Todavia, como se voltar a ouvi-la passados estes anos me tivesse reavivado a memória, percebi de repente que ela estava certa: sim, tinha mesmo de ir. Seria loucura deixar passar a chance...

Confirmei então a presença. Pousei o auscultador, comecei a preparar a bagagem. Contudo, primeiro, ainda me deixei ficar um bom par de minutos no chão agarrado ao quadril, rindo à gargalhada até perder o fôlego.

Quando consegui finalmente parar, respirei fundo e levantei-me, ainda com um sorriso de satisfação nos lábios.

«Ai, Severino, Severino... com que então morreste. Já foste tarde, meu bandido!».